

ASPECTOS DA CRÔNICA LUSO-BRASILEIRA:
O CASO JOSÉ SARAMAGO E SEUS
CORRESPONDENTES NO BRASIL

ASPECTS OF THE LUSO-BRAZILIAN CHRONICLE:
THE JOSÉ SARAMAGO CASE AND ITS CORRESPONDENTS
IN BRAZIL

ROSEMARY CONCEIÇÃO DOS SANTOS¹
BENJAMIN ABDALA JÚNIOR²

1 Pós-doutorado em Literatura Comparada da FFLCH/USP.

2 Professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Resumo: Tendo como objeto de estudo as crônicas saramaguianas, e ciente de que José Saramago não exerceu o jornalismo como repórter, tampouco como redator de notícias, mas, sim, como comentarista das atualidades da época, ou seja, o jornalismo de opinião, este artigo apresenta alguns pensamentos e reflexões presentes nas mesmas, que preveem, ou determinam, a construção de seu discurso alegórico, contextualizados às características jornalísticas luso-brasileiras do referido período e aos seus correspondentes cronistas no Brasil.

Palavras-chave: José Saramago, crônica, jornalismo, alegoria, luso-brasileiro.

Abstract: With the Saramaguian chronicles as an object of study, and aware that José Saramago did not practice journalism as a reporter, nor as a news writer, but rather as a commentator on current events, that is, opinion journalism, this article presents some thoughts and reflections present in them, which foresee, or determine, the construction of his allegorical discourse, contextualized to the Luso-Brazilian journalistic characteristics of that period and to their correspondents in Brazil.

Keywords: José Saramago, chronicle, journalism, allegory, luso-brazilian.

José Saramago é reconhecido internacionalmente como uma das mais significativas vozes do romance³ português contemporâneo. Entretanto, para além do romance, sua produção bibliográfica inclui de poemas⁴ a crônicas⁵, de contos⁶ a peças teatrais⁷, de literatura infantil⁸ a diários e relatos de memórias⁹ e viagem¹⁰, sem nos esquecermos dos posts¹¹ publicados em seu blog (*josesaramago.org*), de setembro de 2008 a março de 2009, bem como, de suas reflexões¹² pessoais, literárias e políticas, recolhidas na imprensa escrita, nas quais verbalizou suas opiniões sobre as questões políticas, as ideias prontas e as desigualdades de seu tempo.

3 *Terra do pecado* (1947); *Manual de pintura e caligrafia* (1977); *Levantado do chão* (1980); *Memorial do convento* (1982); *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984); *A jangada de pedra* (1986); *História do cerco de Lisboa* (1989); *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991); *Ensaio sobre a cegueira* (1995); *Todos os nomes* (1997); *A caverna* (2000); *O homem duplicado* (2002); *Ensaio sobre a lucidez* (2004); *As intermitências da morte* (2005); *As pequenas memórias* (2008); *A viagem do elefante* (2008); *Caim* (2009); *Clarabóia* (2011) e *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas* (2014).

4 *Os poemas possíveis* (1966); *Provavelmente alegria* (1970); *O ano de 1993* (1975).

5 *Deste mundo e do outro* (1971); *A bagagem do viajante* (1973); *As opiniões que o DL teve* (1974) e *Os apontamentos* (1977).

6 *Objecto quase* (1978); *Poética dos cinco sentidos - O ouvido* (1979); *O conto da ilha desconhecida* (1997).

7 *A noite* (1979); *Que farei com este livro?* (1980); *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987); *In nomine dei* (1993) e *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* (2005).

8 *A Maior Flor do Mundo* (2001); *O Silêncio da Água* (2010).

9 *Cadernos de Lanzarote (I-V, 1993-5)*; *As Pequenas Memórias* (2006).

10 *Viagem a Portugal* (1983).

11 *O Caderno* (2009).

12 *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. (Sel. E org. Fernando Gómez Aguilera, 2010)

Cronista nos quatro jornais por onde passou, o seu trabalho na imprensa pode ser dividido em duas fases, que coincidem com dois momentos históricos diferentes. Na primeira (de 1968 a 1972)¹³, ao trabalhar nos jornais *A Capital* e *Jornal do Fundão*, Saramago escreveu sobre suas memórias, viagens, temas independentes e política, observando que, a despeito do desaparecimento político de Salazar, a ditadura teimava em persistir, observações, estas, que despertaram a atenção da censura. Na segunda¹⁴, como cronista e editorialista do *Diário de Lisboa* (1972-1973) e do *Diário de Notícias* (1975), Saramago envereda abertamente por um jornalismo interventivo e político, sem hesitar a abordagem de temas relacionados com o contexto político-social da época.

Estudos específicos do período formativo do autor (SEIXO, 1999; COSTA, 1997), observam a relevância de suas crônicas para a elaboração de seu estilo discursivo. Outros (SILVA, 2011), entendendo-as como próprias do jornalismo cultural defendido por Raymond Williams (2015), nelas identificam desde visões antropológicas, como, por exemplo, a caracterização de toda uma geração pela simples descrição dos avós, a símbolos histórico-culturais, como, por exemplo, aqueles trabalhados pelo autor para iluminação de seus pontos de vista. Com igual relevância,

13 Ocorrida durante o Marcelismo, período de 1968 a 1974, em que o Prof. Marcelo Caetano governou Portugal.

14 Período de desagregação da ditadura e dos momentos mais agitados da Revolução.

novos críticos (AGUIAR, 2014) também identificam o poder persuasivo da crônica política saramaguiana, quase sempre interventiva, não hesitante em abordar temas relacionados ao contexto político-social da época.

A necessidade que, então, se estabelece, a saber, trazer a lume o interdito¹⁵ existente entre o dizer do cronista (TFOUNI, 2006) e as condições de produção desse dizer¹⁶, bem como, do interdito existente nos processos ideológicos¹⁷ subjacentes ao mesmo (PÊCHEUX, 1975), reclama um aparato teórico de natureza interdisciplinar que permita, em seu entre-meu, o estudo da especificidade do discurso saramaguiano em sua relação interdiscursiva com o que nelas é memória, atualidade e antecipação.

A Análise do Discurso, na interpretação de Pêcheux (2006), é uma disciplina que apreende os efeitos de sentido dos discursos que circulam socialmente, levando em consideração a indelével conexão existente entre a língua e a história. Segundo Gregolin (2007, p. 183), compete ao analista do discurso investigar

15 O que não é enunciado, o que falta, o que está nas entrelinhas, subentendido. TFOUNI, F.E.V. "O interdito como fundador do discurso". *Letras & Letras*, Edufu, Uberlândia, v. 22, n.1, p.127-137, jan./jun, 2006.

16 Referimo-nos, aqui, ao conceito de condições de produção proposto por Pêcheux em PÊCHEUX, Michel. "Análise automática do discurso". Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

17 PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. Tradução de *Les vérités de la Palice*, 1975.

“as condições complexas (que são, ao mesmo tempo, da ordem da linguagem e da ordem da história) nas quais se realizou um determinado enunciado, condições que lhe dão uma existência específica”. Ao analisar essas condições, que permitem o aparecimento de determinados e discursos, e não outros, é preciso atentar para os processos de constituição do sujeito via linguagem, sem esquecer que, ao dizer, o sujeito diz-se, significa-se, embrenha-se insidiosamente na natureza fluída da língua(gem). Logo, o sujeito nunca está *livre* para enunciar, já que a produção do discurso se dá em condições de possibilidades circunscritas a partir de um lugar determinado.

Em relação às crônicas jornalísticas de José Saramago, elas ocupam um lugar na mídia. E esta, na sociedade atual, constitui uma instância privilegiada de produção e circulação de discursos. Dessa forma, no entender de Kellner (2001, p. 185), “a cultura da mídia põe em circulação imagens, artigos, informações e identidades de que o público se apropria, utilizando-os para criar prazeres e identidades”. Neste contexto, o que dizer da crônica jornalística?

De acordo com Candido (1992), a despeito de não ser um *gênero maior*, a crônica, na sua despretenção, humaniza ao recuperar certa profundidade de significado, e acabamento formal, os quais ajudam a (re)estabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em Saramago, especificamente nas crônicas presentes em *Deste mundo e do outro* (SARAMAGO, 1971, p. 593),

“Era uma vez um homem que vivia fora dos muros da cidade. E a cidade era ele próprio”, e em *A bagagem do viajante* (SARAMAGO, 1973, p. 770), “... não ter alcançado o pináculo, então, é uma boa razão para continuar subindo. Como um dever que nasce de dentro e porque o sol ainda vai alto”, tal restabelecimento podendo ser verificado na não dissolução imediata do sentido da imaginação poética e ficcional, o que permite, nos dizeres de Candido (1992, p. 15), “que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”.

Por sua vez, nas crônicas de *As opiniões que o DL teve* (1974, p. 950), “Não é bom para a consciência cívica, para a saúde nacional, que o recenseamento eleitoral se faça em termos de rotina enfastiada ou não seja feito de todo”, e em *Os apontamentos* (1977, p. 1246), “Que é o VI Governo? Um grupo coeso de homens, uma identidade política, uma identificação ideológica, uma vontade ciente da sua possibilidade?”, encontramos, em expressões e modos pelos quais Saramago tece seus comentários, elementos de engajamento político e social afinados com a concepção de discurso presente em Pêcheux, a saber, forma de materialidade histórico-linguística diretamente imbricada com a materialidade ideológica, distinta da concepção de ideologia que se limita a refletir cenários econômicos, bem como, de linguagem balizada pela linguagem como instrumento de comunicação.

Na crônica jornalística, e algumas crônicas de Saramago são um exemplo disso, é explícita, segun-

do Alves (2016), a pretensão em utilizar o espaço midiático como ferramenta política, visando a desconstrução das dissimulações políticas do governo português, bem como do jornalismo conservador de Portugal e da Europa.

Uma vez que os argumentos saramaguianos presentes nas crônicas, como um todo, não só eram bem sustentados metaforicamente, como, também, expunham, muitas vezes, informações que as notícias censuradas escondiam, faz com que consideremos a possibilidade de tal peculiaridade discursiva prever, ou determinar, ainda que inconscientemente, a construção de um discurso alegórico.

Neste, o falar, e entender, metáforas continuadas sendo possível porque estas preexistem no sistema conceitual humano, viabilizam seu uso imediato, bem como, dispensam esforços interpretativos, configurando o modo de pensar de uma comunidade linguística. O resultado desta interação de discursos conceituais revelando-se, portanto, uma possibilidade de seus elementos interacionais responderem pelo incremento da habilidade humana de compreender, logicamente, a interação sujeito-mundo e sujeito-realidade. Na representatividade deste novo paradigma, residindo sua capacidade de estabelecer uma rede de interação discursiva, enquanto espaço de representações.

De acordo com Cândido (1992, p. 13-22), o vocábulo *crônica* já designava, no início da era cristã,

acontecimentos ordenados cronologicamente, sem incorrer em suas causas e, tampouco, em sua interpretação. Atingindo seu apogeu¹⁸, como tal, no século XII, avizinhou-se da historiografia, ostentando traços de ficção literária. Com a Renascença, entretanto, esse mesmo vocábulo passa a ser preterido pelo vocábulo *história*, ainda que, em peças teatrais de Shakespeare, focadas em assunto verídico, como, por exemplo, nas *chronicle plays*, e em Raphael Holinshed, em suas *Chronicles of England, Scotland, and Ireland* (1577), o vocábulo continuasse a ser usado no seu sentido primeiro.

Sua acepção moderna dar-se há no século XIX, já revestida de estrito sentido literário, ocasião em que, graças a ampla difusão da imprensa, passa a registrar o cotidiano, oscilando entre relatar, de modo impessoal, e em linguagem referencial, acontecimentos triviais, e relatar, por meio do imaginário, em metáforas elementares e lineares, o cotidiano, ações, estas, que Kaimote (2004, p. 97-116) identifica, respectivamente, como veiculação de ocorrências diárias e de matérias estranhas à peculiaridade originária. Por conseguinte, cabe à predominância de uma dessas características, em detrimento de outra, a crônica pender para o jornalismo ou a literatura.

Entretanto, pelo fato de, encerrada a crônica, ser comum seu sentido metafórico não permanecer como

18 Candido cita, como exemplos de tal apogeu, os cronistas Froissart, na França; Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra; Fernão Lopes, em Portugal; e Alfonso X, na Espanha.

algo mais amplo, que características, ou marcas textuais, a crônica saramaguiana, presente em *Deste mundo e do outro* e em *A bagagem do viajante*, engendram, capazes de suscitar seu desenvolvimento no processo criativo da ficção de José Saramago, nitidamente alegórico? Do mesmo modo, em *As opiniões que o DL teve* e em *Os Apontamentos*, que características, ou marcas textuais, indicam que a relação intelectual/sociedade, que subjaz a condição de Saramago cidadão político participante, anterior e posteriormente à Revolução dos Cravos, antecede o posicionamento político implicitamente alegórico do narrador saramaguiano em obras posteriores?

Definida por Horácio Costa (1997, p. 88) como “terreno ilimitado de experimentação sobre a linguagem da prosa”, a crônica, para o mesmo autor, a despeito de ser considerada um gênero *menor* ou *fácil*, no sentido de ser uma forma de prosa que flui sem *esforço* crítico ou projetivo, ao permitir dialogia entre concisão e digressão, esclarecendo ou criticando um assunto em questão, já colabora com a associação de ideias, ponto-chave da alegoria como metáfora continuada. Por adição, trabalhando com o poder aglutinativo e disseminador do fragmento, nestes também permite residir uma real potencialidade criativa condicionante da futura expressão alegórica saramaguiana.

A metáfora, ao expressar um procedimento que contacta duas idéias ou dois universos discursivos,

sintetizando-os numa biassociação, consegue alcançar uma espécie de conhecimento revelado, não oriundo da razão científica, mas, irrefutavelmente, caro ao caráter intuitivo do estudo das artes, tido como saber absoluto e pessoal. Tomando por base as considerações aristotélicas, entende-se por metáfora o uso de uma ou mais palavras fora de seu significado tradicional para expressar um significado que não o original, bem como, que sua aplicação se restringe à linguagem poética, não sendo encontradas na linguagem convencional.

De acordo com Lopes (1987, p. 4-5), as décadas finais do século XX, interessadas no estudo das bases ideológicas do discurso enquanto espaço de manifestação vigiada dos saberes problemáticos, buscavam o exercício do *interdito* para estudar figuras como a metáfora e a alegoria, onde “o tropo se ergue como a face visível de uma invisível ideologia que, com as marcas do desvio da norma que a engendra, constrói uma máscara de presença oculta”.

O porquê disso? O fato de, no mundo das figuras, por excelência, metafórico, residirem, consoantes, desde o espaço humano da dialética, argumentação e debate ao espaço das crenças, intuição, sentimento e probabilidade, o mundo das crenças, ficção, mito e sonho, imprescindíveis para se extrapolar o gueto do racionalismo burocrático e tecnológico, da supremacia do raciocínio matemático e automatizado de

máquinas e do mundo cibernético que, em conjunto, engendram a contemporaneidade.

A metáfora, confrontando um termo comparado A com um termo comparante B, ocasiona, sim, um rearranjo das funções sintático-semânticas de todo um enunciado, convertendo a denominação em relevante predicação, determinante de tipos discursivos como a fábula, por exemplo.

Por sua vez, atuando sucessiva e continuamente, as metáforas vão revelando simultaneamente conjuntos de informações até então insuspeitadas no discurso normativo, concretizando duas relações, uma explícita, portanto, metafórica e outra implícita, que tanto promove uma relação de julgamento de valor do enunciador para com o tema tratado, quanto para com representações, as mais diversas, dos elementos tematizados em determinados instantes históricos.

A essa significação implícita, nuclear e pontual, bem como, à significação final, residente nas entrelinhas de um discurso, reconhecemos um texto manifestado, capaz de funcionar como operador da contextualização das duas proposições no interior do mesmo discurso: a alegoria.

Discurso triplanar, com seu plano de expressão constituído pelo discurso do texto manifestante, a alegoria é contextual e culturalmente condicionada, deixando-se investir tanto pelo contexto sintagmático posto quanto pelos contextos paradigmáticos pressupostos como contextos implícitos de cultura.

Considerando o jornal como um veículo de informação e cultura, Maria Alzira Seixo (1987, p. 13), ao refletir sobre o gênero crônica e o processo de configuração ficcional de José Saramago como cronista, e a despeito de saber ser a crônica um gênero de pouca profundidade, não titubeia em afirmá-lo como uma elaboração que:

“exige grande capacidade de medida e de concentração... que coloca o sujeito da escrita numa posição polivalente de quem capta a vibração do momento que passa, prolongando as suas ressonâncias pela fundura de um passado que o promove em sabedoria reflectida e pelo projecto de um futuro que o texto pressupõe em ação transformadora...”. (Seixo, 1987, p. 13)

Entendendo, portanto, que é no trâmite desse *captar, prolongar, promover e projectar* significados, mencionados por Seixo, que reside a essência alegórica que tangencia a prosa madura de José Saramago, aprofundar o conhecimento sobre o processo escritural de suas crônicas revela-se fundamental à melhor compreensão da complexidade de sua obra. Além do que, ainda em Seixo (1987, p. 15), indagado sobre as raízes de seu estilo, e profundidade, alegóricos, são do próprio autor as palavras que indicam o caminho para as crônicas, a saber: “está lá tudo”. Logo, entendemos que os aspectos da crônica saramaguiana acima analisados viabilizam uma melhor compreensão das relações de poder simbolizadas nos ditos e interditos

das mesmas, descortinando o real e revelando pluralidade e ambiguidade reorganizadoras de conteúdos.

Assim estabelecidos, esses aspectos descortinam o uso do acaso, do contratempo, da inconstância, da transformação e a da eventualidade como fragmentos que deixam entrever alternâncias e contrastes da natureza humana. Cenários para reflexão da história pessoal do autor, e raízes de temáticas de suas narrativas futuras, revelam, também, a preocupação autoral em compreender mudanças de atitudes humanas quando libertas das referencialidades cotidianas e problematização do experienciado para questionamento da inversão de valores no mundo. Por sua vez, a análise objetiva da relação memória e alegoria revela-se busca objetiva do cronista em conferir novas significações ao que se encontra em situação de esquecimento, bem como, em transformar este último em núcleo discursivo que se interseccionam, reconstruindo-se continuamente.

A leitura de Cabrera (2005), sobre a situação dos jornalistas no período em estudo¹⁹, nos revela que “entre 1968-1974 o crescimento acentuouse e subiu para 8,6% ao ano, porque o número de jornalistas aumentou de 473 para 717, o que corresponde a um aumento de 51,6% só em seis anos”, sentido mais em

19 De acordo com a autora, foram selecionados, para tal levantamento, os seguintes jornais diários de informação política geral: *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *A Capital*, *Diário de Lisboa*, *República*, *Diário da Manhã*, *Época* e *Expresso*. Conforme informamos, José Saramago atuava no *A Capital* e *Jornal do Fundão* de 1968 a 1972, de forma que tais dados dizem respeito ao seu ambiente de trabalho.

alguns jornais do que em outros. No caso específico do *A Capital*, estima-se que Saramago trabalhava num ambiente de 28 a 31 jornalistas. A que se devem números tão elevados? De acordo com Cabrera (2005):

devese principalmente a três razões: aumento do número de publicações e de agências de informação; alterações nos quadros legais que sucessivamente conferem estatuto de jornalistas a novas publicações; oferta de maior número de páginas por jornal e maior diversidade de suplementos, em resultado da cobertura de mais assuntos e temas que habitualmente não faziam parte da agenda noticiosa no período anterior a 68. (CABRERA, 2005, p. 1384)

Eram tempos que se seguiam à doença que acometera António de Oliveira Salazar, ditador nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, presidiu o Conselho de Ministros do governo ditatorial do Estado Novo e atuou como professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra (CARVALHEIRA, 2022). Como ditador, foi a figura política que mais tempo governou Portugal, desempenhando funções em ditadura entre 1932 e 1933, e, de forma autoritária, desde o início da segunda república até ser destituído em 1968 (MATTOSO, 1992). Destituído, as alterações governamentais, associadas à estratégia marcelista de ampliar o acesso à informação pelos portugueses, geraram a expectativa pública de que maior consumo de notícias nacionais e interna-

cionais alimentariam críticas, comentários e novas reportagens sobre temas que o povo realmente queria consumir, o que não era habitual na Imprensa da ocasião.

Em Cabrera (2005, p. 1384-9), as repercussões do aumento do número de jornalistas deveram-se a três fatores: diminuição da média de idade para atender à demanda de mão-de-obra nos jornais, o que levou à contratação de muitos estagiários; aumento do número de mulheres jornalistas nas redações, ambiente, até então, exclusivamente masculino, o que levou a uma reorientação do palavreado e de atitudes em sua presença²⁰; elevação da habilitação literária, buscando elevar-se o horizonte cultural dos redatores²¹; desenvolvimento de atitudes reivindicativas e da participação sindical da classe, o que resultou na alteração da lei que regulamentava as eleições para os sindicatos, bem como, a admissão de novos jornalistas com

20 *A Capital*, jornal em que José Saramago trabalhava, na ocasião, é o jornal que mais mulheres contratou: de 7 em 1971, passa para 10 em 1974. (CABRERA, 2005, p. 1386).

21 O baixo nível de escolaridade acadêmica dos jornalistas, então, ainda caracterizava a sociedade portuguesa dos anos de 1960, denunciando a contradição de que, na ocasião, quem mais trabalhava com a divulgação cultural nos jornais, por meio da palavra escrita, era quem menos detinha escolaridade no país. Condição, esta, alterada no período entre 1960 e 1970, quando se contratou jornalistas mais habilitados por imposição dos Contratos Coletivos de Trabalho, bem como, pela necessidade de mão-de-obra mais especializada e adequada às exigências de maior qualidade na produção jornalística. No biênio de 1968 e 1969, no qual as reivindicações e organizações sindicais mais se acentuaram entre os jornalistas, jornalistas de Lisboa e do Porto organizaram abaixoassinados a favor da liberdade de imprensa e de legislação correspondente. As consequências disso? “No ano seguinte muda a direção do Sindicato Nacional dos Jornalistas: é eleita, pela primeira vez no Estado Novo, uma direção de esquerda. (CABRERA, 2005, p. 1386-7).

bom nível universitário, com “vivências no movimento associativo, desenvolvimento da capacidade crítica e organizativa, contacto com sectores da oposição e treino na contestação ao regime”.

Considerando-se as três gerações portuguesas com experiências académicas e influências ideológicas distintas, no período, a primeira vivenciou a crise de 1961/62, a segunda, a crise de 1965 e a terceira, que é a de José Saramago em *A Capital*, as movimentações da crise de 1969. De acordo com Garrido (1996) e Duarte (1997), a partir de 1964, “passase das reivindicações estudantis e associativas para a contestação directa aos aspectos mais sensíveis do regime: luta contra a guerra colonial, pela liberdade e pela libertação dos presos políticos”. Fatos, estes, vivenciados por Saramago em toda a sua diversidade ideológica, enquanto este elaborava, e publicava, as crônicas de *Deste mundo e do outro*.

Atravessando todo o período marcelista, esta crise repercutirá na Imprensa futura, a saber, em 1972 e, mais acentuadamente, de 1973 em diante, com suas consequências tornando-se visíveis nas redações de jornal a partir da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974. Saramago, que publicaria *A bagagem do viajante*, em 1973, *As opiniões que o DL teve*, em 1974 e *Os apontamentos*, em 1977, sendo muito influenciado, ideologicamente, por elas, como já mostramos em excertos citados anteriormente neste. Todas essas obras, em conjunto, unidas por um laço comum: a

consciência da guerra na África pondo em questão os horizontes de vida, de liberdade de ação, e de expressão, e a liberdade de poder jornalisticamente contestar o regime.

No Brasil, por sua vez, o período de 1969 a 1973 revela-se marcado pelo *milagre econômico* versus a uma repressão cada vez mais brutal. Época em que o jornalismo passava por dificuldades para publicar textos opinativos, o que levaria ao surgimento da imprensa alternativa e ao controle da imprensa pela censura (GENTILLI, 2004). Ao *milagre* correspondia o rápido crescimento da economia brasileira (1968-1973), devido à ampliação do comércio mundial e do capital financeiro internacional. Essa expansão econômica, iniciada ainda no final do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, político brasileiro que ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961, teve, com o Plano de Metas de JK, um aumento exponencial da economia favorecido pelas trocas externas, assim como, pelos empréstimos estrangeiros que, na ocasião, gozavam de juros baixíssimos.

Entretanto, de acordo com Gentilli (2004, p. 88), esse desenvolvimento beneficiou desigualmente a sociedade brasileira, ou seja, a despeito do crescimento dos setores produtivos, sobretudo aqueles ligados à expansão econômica, foram beneficiados com destaque segmentos de classe média de maior renda, enquanto, por outro lado, acentuou-se a queda real no valor do salário mínimo. Estes, por sua vez, só vindo

a se recuperar, gradualmente, entre 1969 e 1972, só voltando a crescer o seu poder aquisitivo após 1973 e, particularmente, do governo do general Emílio Garrastazu Médici, “como mecanismo para favorecer a acumulação do capital e da renda”. Politicamente conhecido como o mais duro governo de todo o regime militar, o governo Médici (1969-1974), enrijeceu a repressão, fato, este, que resultou na luta armada dos segmentos da esquerda, os quais, ainda de acordo com Gentilli (2004), promoveram sequestros de diplomatas, buscando articular guerrilhas no campo e na cidade. Nessa conjuntura política, o que esperar da mídia brasileira?

A década de 1970, a despeito da forte repressão política, viabilizou progressos à mídia brasileira tal como os ocorridos em Portugal, resguardadas as devidas diferenças. A modernização da produção jornalística, decorrente do *milagre econômico*, citado anteriormente, abrirá espaço para o sucesso da Rede Globo de Televisão, permitindo à imprensa televisiva brasileira atuar como porta-voz do período. Por certo, a repressão sofrida pelo setor, em especial pelos jornais e revistas, ocasionava momentos de total silenciamento ou, apenas, de mera adesão. Entretanto, muitas foram as vezes em que a mídia brasileira reagiu, sinalizando para o leitor o seu posicionamento em relação aos fatos.

Neste período, importa destacar, no caso dos jornais impressos, o desmantelamento das emissoras de

rádio, televisão e jornais do grupo Diários e Emissoras Associados, ocasionado, em 1968, pela morte de Assis Chateaubriand. Grupo, este, do qual apenas o *Correio Braziliense*, em Brasília, e *O Estado de Minas*, em Minas Gerais, permaneceram. Se em Portugal os jornais passaram a recrutar grande número de estagiários universitários para suas redações, no Brasil, o lançamento da revista *Veja*, bem como, da *Newsweek*, primeira revista semanal de informação brasileira, é que o fazia por aqui.

Em Gentilli (2004, p. 92), temos que, os jornais, que até 1968:

vinham experimentando um novo padrão profissional, menos partidário e mais voltado para o interesse público da cidadania, vêm-se, com a vitória dos militares da linha dura, consagrados pelo governo Médici, de frente com a censura. O Jornal do Brasil que produzira uma edição histórica com a edição do AI-5, com toda a primeira página ludibriando os censores foi um exemplo de resistência imediata ao arbítrio (GENTILLI, 2004, p. 92)

Na ocasião, *O Estado de São Paulo*, o *Correio da Manhã*, a *Folha da Tarde*; o *Notícias Populares* e o *Última Hora* eram jornais declaradamente combativos da ditadura. Por sua vez, à *Folha de São Paulo* coube, por muito tempo, um comportamento diplomático e educado com as determinações militares, comportamento, este, justificado por Gentilli (2004, p. 93-4) como de bom senso por parte daqueles que “tem consci-

ência de que o jornal ainda não se credenciara como instituição da sociedade civil. O que faria poucos anos mais tarde”. Lançado em 1969, *O Pasquim*, alternativo e independente dos grandes grupos midiáticos de então, tornara-se um jornal de grande sucesso de público. A que se deve isso? Certamente, por sua linguagem direta, debochada e matérias transcritas literalmente, novidades de imprensa de então que foram muito bem recebidas pelo público leitor, disseminando-se como padrão da linguagem jornalística em todo o país. Ao lado disso, cumpre lembrar que, de 1972 a 1977, circulou, no Brasil, o semanário *Opinião*, de Fernando Gasparian, industrial, editor, livreiro e jornalista, que conseguiu autorização para a reprodução de matérias de grandes jornais europeus, como o *Le Monde*, *The Guardian* e outros. Este semanário, conforme esclarece Chinem (1995), contrastando com os demais ao substituir o foco nas amenidades e temas cotidianos da classe média, para outro, voltado aos debates e discussões. Seu objetivo, com isso? Revelar que a notícia era apenas uma pequena parte da verdade, uma vez que, em suas entrelinhas existiam razões ocultas, interesses dúbios e jogadas econômico-políticas.

Em Sá (1997, p. 69), o autor esclarece que, historicamente, a crônica foi o gênero textual praticado com maior intensidade nos jornais do Rio de Janeiro. Entretanto, segundo o mesmo autor, “não se pode dizer que tenha sido de forma exclusiva, pois em outros

pontos do país os jornalistas literatos também a praticaram”. Nas décadas de 60 e 70, período escolhido neste artigo para abordarmos o exercício da crônica por José Saramago em Portugal, esse mesmo gênero foi praticado por vários cronistas brasileiros no Brasil, dentre os quais podemos citar: Rubem Braga (1913-1990), para quem a verdade da crônica é o instante; Fernando Sabino (1923-2004), que espionava a vida em busca do pitoresco e do irrisório; Sérgio Porto (1923-1968), ocupado com o humor e a sátira; Lourenço Diaféria (1933-2008), focado no inesperado presente no banal; Paulo Mendes Campos (1922-1991), e a tentativa de ensinar o leitor a ver além do factual; Carlos Heitor Cony (1926-2018), com seu lirismo reflexivo; Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), e uma crônica que oscila entre o visto e o imaginado; e Vinícius de Moraes (1913-1980), e a tentativa de compreender o mundo através dos pequenos fatos do dia-a-dia.

Se colocarmos em paralelo os enfoques que cada cronista brasileiro, acima citados, conferiram ao seu trabalho nos jornais da época, e os compararmos aos enfoques e estilos que Saramago lhes conferiu, no mesmo período, a saber, memorialístico, voltado a viagens, político e temas independentes, é possível, como pontos de confluência, aproximarmos as crônicas de Campos, Cony, Drummond e Moraes, por exemplo, correspondentes cronísticos no Brasil ao cronista que José Saramago era em Portugal,

às crônicas elaboradas pelo autor lusitano. E neste cenário, Khéde (1984, p. 76) nos esclarece que “Os anos de AI-5 deixaram marcas fundas na formação das últimas gerações de brasileiros, e em todo o nosso universo cultural... Era insuportável a carência de informações básicas à circulação de ideias numa sociedade moderna”. Em outras palavras, era notória a contradição entre a capacidade técnica dos meios de comunicação brasileiros de então e “o obscurantismo autoritário e castrador” do cenário político brasileiro. Logo, se em Portugal *o boom* dos jornais, no período, reclamavam, cada vez mais, jornalistas com melhor nível acadêmico, no Brasil, segundo Khéde (1984, p. 77), a fragmentação cultural presente nos variados canais de informação (TV, quadrinhos, rádio, videocassete, videogame, jornais, revistas, discos, teatros, cinema, shows e agitos de toda sorte) reclamava visão de conjunto, “através de textos de iniciação a temas fundamentais deste nosso universo cultural”, o que favoreceu o mercado editorial livreiro. Importa indagar, então, como a apresentação da crônica no suporte livro difere de sua vida no suporte jornal.

Para Sá (1997), em livro, a crônica perde a perenidade de quando existente no jornal. É a durabilidade textual em oposição à circunstancialidade midiática. Durável, é favorecida por estar sempre à disposição, seja numa mesa, estante ou cabeceira de cama, para ser analisada, mudando a atitude do leitor diante do texto. Objeto de estudo mais realizável, viabiliza o es-

tudo pormenorizado das características de seu autor. Para Khéde (1984), em livro, a crônica veicula a ideologia de seu modo de produção no teor das mensagens transmitidas no texto impresso, interferindo na recepção dessas mensagens.

Entendendo não haver linguagem neutra, uma vez que não há ideologia sem sujeito, tampouco discurso sem perspectiva, sem ponto de vista e sem revelar o recorte de uma situação real assumida por um sujeito, mas, sim, um sujeito enquanto ser histórico, determinado por circunstâncias sociais, culturais e políticas do espaço e tempo em que vive, Chaparro (2008, p. 11) entende a crônica como o “olho poético do jornal na redescoberta diária da vida”, o que a torna jornalismo e literatura ao mesmo tempo.

Em outras palavras, ainda para Chaparro, é a espécie textual que, a despeito de ater-se à atualidade, “consegue apreendê-la e compreendê-la mais profundamente, porque ao cronista se permite usar o ferramental poético da ficção”. Presença constante e nobre nos jornais brasileiros, a crônica, ainda segundo Chaparro (2008, p. 132), dividiu espaço com textos argumentativos ao longo de cinco décadas, a saber de 1945 a 1994. E o estudo da amostra de 1995 indicou ter-se tornado a mesma uma espécie em ascensão, poética e crítica, arejando o perfil jornalístico que, tendo levado quinze anos maturando-se em liberdade, consolidou características que trouxeram identidade de um novo tempo na imprensa brasileira.

Por sua vez, estudos comparativos do jornalismo luso-brasileiro, suplementos excluídos, empreendidos por Chaparro (2008, p. 189-198), conhecidos em Portugal como “variações lusófonas”, revelam maior diversificação das formas discursivas da imprensa diária brasileira em relação às da imprensa diária portuguesa, devido à adesão mais ampla, mais nítida, mais agressiva e mais estratégica da primeira; maior adesão do jornalismo diário brasileiro à lógica e às razões do consumo em detrimento de informações práticas e utilitárias, como roteiros, indicadores econômicos, agendamentos e previsão do tempo; reforço de formas discursivas voltadas à conquista do leitor, nos jornais brasileiros, como a reportagem e seus resumos didáticos; maior espaço dedicado a relatos e comentários, no jornalismo brasileiro do que na amostra portuguesa; ausência do espaço Coluna, voltado ao comentário e ao relato da atualidade, nos jornais portugueses, mas presentes no jornalismo brasileiro; valorização do editorial diário no jornalismo brasileiro e insignificância do mesmo nos grandes diários portugueses, à época da pesquisa feita por Chaparro (2008); equivalência de valor entre o Artigo e a Reportagem tanto na imprensa brasileira quanto na portuguesa; desaparecimento da Reportagem de Ação em ambas as imprensas devido a, no final do século XX, os repórteres já não irem para as ruas atrás de emoções e fatos novos; e maior espaço concedido

à publicidade nos jornais brasileiros do que nos grandes diários portugueses.

Por sua vez, considerando-se os suplementos luso-brasileiros, publicações não comuns, porém existentes em ambos os períodos em questão, verificou-se que quatro diários brasileiros editaram 41 suplementos e quatro diários portugueses ofereceram 22 suplementos concomitantemente (Chaparro, 2008, p. 198-208). Uma vez que seus conteúdos, diversidades temáticas, interesses, públicos, estratégias e táticas jornalísticas se mostraram muito heterogêneas, verificou-se que seria metodologicamente inadequado aplicar os mesmos critérios de comparação a todos os suplementos. A solução? Agrupá-los de acordo com alguns critérios de segmentação. Assim, seus conteúdos foram agrupados em quatro tipos de segmentos, a saber: econômico (negócios), social (dirigidos a faixas etárias especiais, como mulheres, jovens, adolescentes e crianças), cultural (conteúdo voltado ao campo das ideias, das artes e das ciências) e universais (com temáticas específicas, como, por exemplo, família e saúde, voltadas ao público em geral). Situando-se a crônica em segmento preocupado com a qualidade literária dos textos ou a sofisticação dos temas, a saber, na segmentação cultural, constatou-se haver, em Portugal, maior número de textos desse gênero, e de público leitor, em Portugal do que no Brasil.

Abdala, em seu *Literatura Comparada & Relações Comunitárias, Hoje* (2012, p. 22-23) mostra que, atualmente, as redes, mais amplas e globais, envolvem desde as esferas dos recortes do conhecimento até às da geopolítica, sendo que, “Pelo comunitarismo cultural, podemos mostrar rostos diferenciados, em diálogo com outros... No bloco dos países colonizados por Portugal... a intelectualidade tem visto na diversidade étnica um fator de originalidade e criatividade”. À luz desta reflexão, a síntese que se atinge é a de ser Saramago um autor com pleno domínio no exercício do gênero cronístico, tal qual também o revelou ser o *corpus* de cronistas brasileiros mencionados. Em ambos, portugueses e brasileiros, o gesto de intervenção e a abertura de novas veredas, nos seus respectivos exercícios jornalístico-literários, mostram-se sempre presentes na prática de observar, refletir e escrever o momento que passa; o mesmo momento que, de tão fugidio, já passou.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura Comparada & Relações Comunitárias, Hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- AGUIAR, Marta. *José Saramago e os jornais: os anos de 1968 a 1975*. Dissertação da ESCS, Lisboa, 2014.
- ALVES, Daniel Vechio. “A representação do discurso jornalístico na literatura de José Saramago”. *Media & Jornalismo: uma revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, vol. 16, n.29, 2016.

CABRERA, Ana. Os jornalistas no marcelismo: transformações da classe entre 1968-74. In: Livro de Actas – 4º SOP-COM, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabrera-ana-jornalistas-marcelino-transformacoes-classe.pdf>>. Acesso em 28 mai 2020.

CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: In: CANDIDO, Antonio, et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARVALHEIRA, R. *As duas faces de Sazalar. A ambiguidade da figura mais controversa do século XX em Portugal*. Clube do Autor, 2022.

CHAPARRO, Manual Carlos. *Sotaques d’aquém e d’além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.

DUARTE, Marta Benamor. *Foi apenas um começo: a crise acadêmica de 1969 na história do movimento estudantil dos anos sessenta e da luta contra o Estado Novo*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 1997.

GARRIDO, Álvaro. *Movimento estudantil e crise do Estado Novo: Coimbra 1962*. Coimbra: Minerva, 1996.

GENTILLI, Victor. “O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “milagre econômico”, repressão e censura”. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v.1, n. 2, p. 87-99, 2º semestre de 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. “Formação discursiva, mídia e identidades”. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 173-186.

KAIMOTE, A. P. M. C. “Fato e ficção em Crônicas de fim do milênio, de Antonio Callado”. *ALEA*, v. 6, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2004.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Os contrapontos da Literatura: Arte, Ciência e Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1984.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, Edward. *Metáfora*: São Paulo: Ática, 1987.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992. 8 vols.

PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. Tradução de Les vérités de la Palice, 1975.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1999.

SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da moeda, 1987.

SILVA, D. S. “Génesis e Evolução do Jornalismo Cultural em Portugal”. In *Actas Online do Congresso Internacional de História dos Media e do Jornalismo* (pp. 1-28). Lisboa: CIMJ - Centro de Investigação Media e Jornalismo, 2011.

TFOUNI, F.E.V. “O interdito como fundador do discurso”. *Letras & Letras*, Edufu, Uberlândia, v. 22, n.1, p.127-137, jan./jun, 2006.

WILLIAMS, Raymond. "The Analysis of Culture", in STOREY, John. *Teoria cultural e cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

i GONÇALVES, João Alferes. O jornalista José Saramago. In (www.clubede-jornalistas.pt/?p=2807). Acessado em 22/11/2016.

ii MESA, Rafael Yanes. Géneros Periodísticos y Géneros Anexos. Fragua, 2004.